

CIDADE E MEMÓRIA: CEARÁ-MIRIM NA ESCRITA DE NILO PEREIRA

Helicarla Morais ¹

Resumo: Este texto é resultado da pesquisa de mestrado intitulada *Viagem-memória de Nilo Pereira: do Ceará-Mirim ao Recife e do Recife ao Ceará-Mirim*, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em História da UFRN, entre 2008 e 2010, orientada pelo professor doutor Raimundo Pereira Alencar Arrais, publicada no ano de 2011 pela Coleção Teses e dissertações do CCHLA. Exploramos aqui o caso do escritor e memorialista Nilo Pereira, nascido no vale do Ceará-Mirim, tradicional área açucareira do Rio Grande do Norte. Tendo passado a maior parte de sua vida fora de Ceará-Mirim e fora do Rio Grande do Norte, Nilo Pereira manteve com o vale uma fidelidade emocional que durou até o final de sua vida. Este texto pretende apresentar uma possibilidade de abordagem do tema da cidade representada pela memória, por meio das memórias escritas dessa importante figura potiguar.

Palavras-chave: Cidade; memória; história.

As cidades podem ser retratadas de vários modos por seus moradores. Um desses modos é a memória, que pode se reportar a uma cidade que não existe mais. Que fatos do passado da cidade são lembrados? Sejam quais forem, esses fatos oferecem um interessante repertório de estudo do passado e, mais especificamente, das relações entre o passado e o presente da cidade. Mas, o interesse pelo estudo das memórias da cidade não deve se reduzir ao levantamento dos fatos lembrados, da reconstituição de como era a cidade do passado na voz dos seus testemunhos, por mais ilustres que eles sejam. Devemos interrogar sobre as condições em que se encontra aquele que rememora, sobre sua formação, sobre suas experiências mais significativas, sobre o ambiente cultural no qual ele está situado. A atenção para a forma da escrita, por meio da qual a memória chega ao leitor, é igualmente importante. Neste texto, exploraremos o caso do escritor Nilo Pereira, nascido no vale do Ceará-Mirim, tradicional área açucareira do Rio Grande do Norte.

1. A CIDADE: CONSTRUÇÃO HUMANA, OBJETO DA HISTÓRIA

As cidades não são elaborações apenas do concreto. A cidade, que é por excelência o palco mais exuberante das ações humanas, nas palavras de Sandra Jatahy Pesavento, o lugar “onde as coisas acontecem” (PESAVENTO, 1999, p. 8), está inserida

¹Mestra em História pela UFRN; Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ, helicarlamorais@hotmail.com

em uma “realidade material [...] construída pelos homens, que traz as marcas da ação social”, a qual podemos chamar de “cidade de pedra, erguida, criada e recriada através dos tempos” (PESAVENTO, 1999, p. 10). No entanto, “sobre tal cidade, ou em tal cidade, se exercita o olhar literário, que sonha e reconstrói a materialidade da pedra sob a forma de um texto” (PESAVENTO, 1999, p. 10). Essa é a cidade que surge da prática do escritor, que, “como espectador privilegiado do social, exerce a sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus atores” (PESAVENTO, 1999, p. 10). Por tudo isso é que essa realidade espacial, entrecruzada por dimensões materiais, afetivas e intelectuais, vem atraindo os olhos curiosos dos historiadores, que vão desvendando as nuances do processo de construção da paisagem citadina.

Compreender a cidade como construção, como materialidade e como subjetividade humana é trazê-la para o plano daquilo que é cognoscível, daquilo que é histórico. A cidade – onde nascemos, onde moramos, onde trabalhamos, a cidade que conhecemos a vida toda, a cidade que acabamos de conhecer – faz sentido para nós com base naquilo que vivemos, enxergamos e sentimos em relação a ela, por meio das sensações que ela desperta em nós. O professor deve fazer o aluno compreender que a cidade é atravessada, costurada pelas ações humanas, pelo olhar humano; deve demonstrar que a cidade deve ser tomada como objeto da ciência histórica, aproximando-o dessa temática com base em sua própria cidade, desmitificando o processo de pesquisa e produção de matéria histórica e didática sobre o tema. Essa é uma maneira de fazê-los perceber as relações subjetivas que são parte do processo de construção do espaço. A cidade que pretendemos visualizar aqui como fruto e objeto da história nos é apresentada por Nilo Pereira, intelectual nascido em Ceará-Mirim, no início do século XX. A Ceará-Mirim de Nilo Pereira surge da escrita, da memória, da saudade de um tempo que passou.

Analisar o processo de construção de uma cidade por meio da escrita e da memória, impulsionadas pelo sentimento de saudade, permite compreender que, como quaisquer constructos humanos, a cidade é um espaço carregado das marcas, das inscrições humanas e possui várias dimensões. Antes mesmo de serem pedra e cal, são anseios, intenções. E, ainda mais, permite compreender como a cidade pode ser estudada com base na memória e na escrita. Evidenciaremos, então, a importância da

historicidade do espaço citadino, do sentimento, da escrita e da memória, já que essas são as principais categorias de análise para compreender a cidade que surge na obra memorialística de Nilo Pereira.

2. SAUDADE E DESEJO DE CIDADE NA MEMORIALÍSTICA DE NILO PEREIRA

Tão subjetiva é a Ceará-Mirim de Nilo Pereira, que pode se desdobrar em duas cidades, a da infância e a da juventude e maturidade intelectual, elaboradas pela memória, pela escrita, pelos sentimentos. Esta, a cidade da memória, que se torna duas, perpetuada e reconstruída por meio da escrita e do sentimento, é a que encontramos na obra desse memorialista.

Ao observarmos as imagens que Nilo Pereira elabora de sua infância em Ceará-Mirim, encontramos um lugar que se alicerça em um sentimento: a saudade. Esse lugar, fruto da memória, acaba também se tornando refém da escrita que perpetua essa memória. A cidade que emerge das memórias e da escrita de Nilo, mais do que o lugar onde ele nasceu e viveu sua primeira infância e adolescência, é um lugar desejado por ele, um lugar situado entre as grandes cidades da tradição da sociedade do *Nordeste Açucareiro*. É uma cidade que, por meio da escrita, se alonga até a planície pernambucana, emendando-se à sua capital, Recife. Ou seja, ele confere a Ceará-Mirim um lugar em um mapa próprio, que extrapola o do Rio Grande do Norte: trata-se do mapa da região do litoral açucareiro do Nordeste.

Este foi o grande desejo cultivado na escrita memorialística de Nilo Pereira: tornar Ceará-Mirim e Recife cidades-irmãs, partilhando uma decadência que dizia da nobreza de um passado, que apontava para um passado glorioso. Para perceber todos esses elementos na composição da cidade da memória e da escrita de Nilo Pereira, é preciso estar atento aos mecanismos de construção da memória. A memória não é um elemento pronto, estático, simplesmente esperando que alguém a conte. Ela é também fruto da elaboração humana, um fazer-se contínuo, suscetível ao lugar a partir do qual se rememora. O verbo *rememorar* pode, sem perda alguma de seu significado, ser substituído por *reconstruir*, *reavaliar*. O passado não é uma massa coesa, estática, à qual nos remetemos, quando rememoramos, para extrair um pedaço ou outro. O passado é também fruto da elaboração do presente, estando em diálogo constante com ele. A memória está situada numa zona intermediária entre passado e presente, é a conjugação

entre essas duas dimensões temporais².

Ao refazer o percurso literário e histórico da vida de Nilo Pereira, que se delinea em milhares de páginas, encontramos-lo na missão de organizar, dentro de uma mesma unidade, os dois lugares que viveu e amou: Ceará-Mirim e Recife. A aproximação entre essas duas cidades significou inseri-las dentro de uma realidade ecológica, política e cultural maior, o Nordeste do açúcar. Dentro dessa região, indo da sua periferia, o vale do Ceará-Mirim, ao seu centro, a cidade do Recife, Nilo Pereira estabeleceu uma ponte entre o lugar das suas origens e o centro onde obteve sua formação intelectual, o Recife.

Nilo Pereira nasceu no ano de 1909, no vale do Ceará-Mirim, caçula de uma família composta por mais três irmãs. Foi filho de Fausto Varella Pereira e Beatriz d'Oliveira Pereira, pertencentes a famílias de tradição. Naqueles anos que abriam o século XX, a maior riqueza da família estava no brasão que carregava, na herança familiar, nas lembranças do passado. O açúcar, que havia sido, até bem pouco tempo, a maior fonte de riqueza da cidade onde viviam, já não garantia mais dinheiro e poder, mas tinha ficado nas lembranças e no ar melancólico daquela cidade como o elo que ligava o presente da decadência ao passado de prosperidade³.

As famílias Pereira e Varela eram típicas representantes de uma elite açucareira que havia se formado ali: ricos e emblemáticos do poder outrora, empobrecidos naqueles anos 1910, herdeiros dos casarões antigos, das memórias, do nome e da tradição, nada mais. A crise que vitimara os produtores de açúcar do Ceará-Mirim atingiu, em cheio, essas famílias. A chegada de D. Maria Amélia à cidade, em uma noite de março daquele ano, evidencia as circunstâncias trágicas em que o personagem principal dessa história nasceu. Viúva de José de Castro Barroca, avó materna de Nilo Pereira, D. Maria Amélia atravessava a ponte que separa o vale e a cidade, trazendo sua família e pertences em carro de boi para a Rua de São José. Nilo acabara de nascer, tinha apenas três meses de vida e, junto com sua mãe, que o carregava nos braços naquela noite, era forçado a deixar o engenho: “saí nos braços de minha mãe, aos três meses de idade. O engenho já não era mais nosso” (PEREIRA, 1969, p. 51)⁴. A lembrança da saída do engenho Verde Nasce, a humilhação de terem sido despejados de sua antiga propriedade, como ele

² Para discussões mais apuradas sobre a relação memória/história, ver: Bosi (2001), Halbwachs (2004) e Ricoeur (2007).

³ Sobre o processo de decadência da indústria açucareira do vale do Ceará-Mirim, ver: Morais (2009).

⁴ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*. Natal: UFRN, 1969, p. 51.

descreve logo adiante, vai estar sempre associada às lembranças daquela casa. Em um de seus textos memorialísticos, ele confessa:

Aquela casa do Verde Nasce muito me fala à alma. Ela recorda uma tragédia de que jamais falei, porque minha avó, Maria Amélia de Oliveira Barroca, a Dindinha de tantos netos, sempre me impediu de fazê-lo, dizendo que havia perdoado a quem a despojou dos seus domínios, sem justa causa, — ela já viúva e sem o amparo que lhe faltou no grave momento porque passou. Nela, vi sempre o exemplo heróico da resignação, da injustiça que silenciou na oração e na saudade do bem perdido (PEREIRA, 1980, p. 1).

É com base nesses trechos da infância de Nilo Pereira no vale que vamos visualizando, aos poucos, os cenários e paisagens e personagens que sustentam essas memórias: “Nas conversas de família, quando a juventude me permitia entender melhor as coisas, quase não se falava em outro assunto senão no que estava perdido, nas saudades da velha casa, onde viveu o meu avô” (PEREIRA, 1969, p. 51). É a memória familiar que dá vida a essa cidade, que traz de volta as vozes, a música, as pessoas. A Ceará-Mirim descrita por Nilo é silenciosa, é remanescente e remanescente de um tempo que passou. Vozes, música, burburinho aparecem nas lembranças:

Dir-se-ia que tudo começa a se animar sob o influxo de algum poder extraordinário, que tivesse como principal condão o de dar ao passado uma atualidade surpreendente. O Guaporé ostentava sua fachada fidalga abismado num sonho; mas a vida renasce e, como num encantamento de magia, o cenário recobra seu colorido emocional. Velhas figuras que se foram no tempo voltam; e através da manhã romântica as notas de um piano antigo atravessam até os meus ouvidos a paisagem sentimental (PEREIRA, 1949, p. 1).

A cidade surge na escrita de Nilo como um personagem recriado com base em diversas sobreposições de escrita e de memórias. Memória e escrita vão dando forma à cidade que se constrói sobre pedras, ruínas e sentimentos. É esse o poder extraordinário que anima o presente e o passado dessa cidade na escrita de Nilo Pereira: “Dir-se-ia que tudo começa a se animar...”. Quem diz é a memória, impulsionada pelo sentimento de saudade e reelaborada por meio da escrita.

É a saudade que seduz e arrasta para o passado mais um indicativo da nossa condição humana, da condição de seres perecíveis e mortais vivendo em lugares mutáveis, expostos às intervenções humanas e à passagem implacável do tempo. Lugares que conhecemos na infância, onde nascemos, aprendemos a falar, conquistamos os primeiros amigos, os primeiros afetos, podem, com o passar dos anos, depois de um longo período de ausência, não fazer mais sentido algum para nós. O período de ausência, a construção de novas casas e prédios, a morte e o nascimento de pessoas vão desfazendo nossas referências.

Sentimos a ausência de algo, saudade das referências que um dia foram o chão que sempre haveríamos de pisar, as paredes que abrigariam, as pessoas e lugares que dariam sentido à nossa própria existência. Nesse momento, a memória entra em ação em um esforço de recuperar tais referências. O processo de rememoração é sempre doloroso, pois evidencia os vazios que foram se acumulando ao longo da vida, e é fato que, da ausência que buscamos reconstituir, só teremos de volta uma imagem contaminada pelo sentir e viver do presente.

O poder da imaginação e as estratégias das linguagens traziam de volta as cores, o brilho e a materialidade perdida, colando e reordenando pedaços de um passado já distante à força da saudade e da memória, dando origem à região Nordeste, que começou a tomar forma no discurso pela preservação da tradição. Os Regionalistas-Tradicionalistas do Nordeste, grupo de intelectuais e artistas que, desde os anos 1920, circulavam em torno do antropólogo pernambucano Gilberto Freyre, foram os artífices desse Nordeste, reconhecendo-se herdeiros dessa sociedade⁵. Nilo Pereira sofreu a influência da saudade do passado do mundo dos engenhos, que era tão forte nesse grupo de tradicionalistas. O declínio econômico da região açucareira apareceu na memória dos grupos dominantes, ou melhor, dos intelectuais descendentes desses grupos agora destituídos de poder, assumindo profissões de bacharéis, jornalistas, professores e políticos.

Dezenas de livros, plaquetas, artigos e palestras resultaram das ações desses homens e em cada uma delas se apresenta um cenário do Nordeste que fazia sentido para eles. Nilo Pereira acrescentou ao nordeste açucareiro suas próprias imagens, extraídas do vale e da cidade de Ceará-Mirim. Vemos, em cada uma das obras desses autores que buscavam construir sua própria imagem de Nordeste, a imagem de um homem que olha fixamente para uma paisagem em ruína, empalidecida pelo silêncio e solidão. Esse homem procura retirar de lá aquilo que ainda tenha vida e possa dar novo significado àquela realidade esquecida que não encontra mais lugar no presente vivenciado por ele.

Em fevereiro de 1985, em uma crônica sobre o vale do Ceará-Mirim, encontramos Nilo Pereira na mesma posição do homem que observa os vestígios do passado tentando

⁵ Para uma melhor compreensão sobre os Regionalistas-Tradicionalistas e a liderança de Gilberto Freyre no processo de reconstrução do prestígio e da tradição da região Nordeste, ver: Freyre (1967); Larreta e Giucci (2007); Pallares-Burke (2005); Sales Neto (2008).

reorganizá-lo segundo uma nova lógica. Ele tinha em sua casa, no Recife, alguns objetos vindos do Ceará-Mirim. Um deles era um *abat-jour* casca de ovo que havia pertencido ao mobiliário do engenho Verde-Nasce, um dos poucos objetos que restaram do espólio da família, um dos símbolos do passado aristocrático que ele cultivava e reacendia no gesto de se colocar sob a meia luz do velho candeeiro que não encontrava lugar menos destoante em sua casa do que a sala de estudos, iluminando as noites esmorecidas da velhice:

Mais uma vez acendi esse candeeiro — tão puro no seu passado — azul e amarelo como uma garça voando sobre as canas de açúcar — nas noites sem a luz que sempre falta. Cuido ver sombras que saem de sua chama indecisa e bailam a minha vista: são figuras que encheram de vida o velho engenho com a sua cerca de ferro (PEREIRA, 1985, p. 1).

Na sala de estudos onde era mantido o *abat-jour*, Nilo Pereira fazia suas leituras diárias, escrevia suas crônicas e podia visitar o passado que ele reacendia naquela chama que não iluminava somente o ambiente de estudo em noite sem luz, mas toda uma realidade já desaparecida que a chama pálida do candeeiro e a melodia ritmada que saía de sua máquina de escrever traziam de volta. Nilo Pereira recria, à luz do seu *abat-jour* já tão antigo e do sentimento de nostalgia em relação ao passado de fausto e riqueza de sua família e da sua cidade natal, um espaço deslocado no tempo, um lugar em que a saudade, acionando a memória, traz de volta mundos e personagens perdidos.

A passagem do tempo imprime novas marcas, apaga as antigas, transformando um velho conhecido em estrangeiro. É possível, mesmo, que nos sintamos estrangeiros em nossa própria terra e busquemos, então, no passado, os lugares, os objetos e as paisagens que caracterizavam esse espaço que se tornou estranho para nós. Para recuperá-lo, o transformamos em espaço do sonho, onde temos de volta aquilo que julgávamos perdido, como a sala de Nilo Pereira iluminada pelo velho *abat-jour*. Vemos, nesse sentido, passado e presente se misturarem, refletindo-se um no outro, ligados pela saudade. Por outro lado, esse sentimento que evoca uma ausência, um passado de sonho harmonioso e feliz, faz com que sempre nos sintamos longe de casa, ou da realidade a que julgamos pertencer.

Assim foi a relação que ele manteve com a cidade do Ceará-Mirim durante os sessenta anos em que viveu no Recife, onde se dizia “um exilado do vale do Ceará-Mirim” (PEREIRA, 1985, p. 1) e fazia sempre questão de enfatizar tal infortúnio: “Exilei-me por mim mesmo. [...] nasci no vale do Ceará-Mirim. [...] Fiz os meus preparatórios em Natal.

Vim para o Recife. Vejam bem: não ao Recife e sim para o Recife. Aqui fiquei” (PEREIRA, 1985, p. 1). A sua pequena pátria, o “velho Ceará-Mirim”, estava afastada dele por uma “distância antes temporal do que espacial” (PEREIRA, 1959, p. 14); por isso, mais do que voltar à cidade da infância para reencontrar o seu lugar no mundo, o lugar do qual sentia saudade, era preciso realizar uma viagem no tempo, na qual a memória, reavivada pelos vestígios do passado, seria a principal guia.

Essa saudade, que funciona como elemento constitutivo da identidade de um povo e de um lugar, é, também, uma característica do *Nordeste Açucareiro*. Um dos traços presentes nas obras dos intelectuais “regionalistas” em romances, poemas, pinturas e canções é a relação de afeto que esses homens mantiveram com o passado, criando seus espaços por meio da memória e da escrita, resistindo às transformações pelas quais o seu mundo passava.

3. AS PEDRAS E AS LEMBRANÇAS QUE SUSTENTAM A CIDADE

Essa busca pela imagem ideal no passado leva o homem, um povo ou um grupo a se sentir exilado do seu mundo, de si mesmo, desterrado de uma realidade que extrapolava a dimensão espacial, um espaço de sonho em que as únicas categorias definidoras eram tempo e emoção, que poderiam resgatar as raízes de um indivíduo ou de um grupo em relação a um determinado lugar ou desintegrá-las de vez. Mesmo a materialidade está sujeita ao poder do tempo e da subjetividade. Podemos compreender melhor essa discussão por intermédio dos conceitos formulados por Maurice Halbwachs para explicar a relação da memória com a dimensão espacial. Tomando como referência o âmbito da cidade, ele estabelece uma discussão que busca compreender o alcance da relação entre a imagem espacial e a memória, levando em conta que a memória se apoia também em costumes cultivados pelos grupos e que tem nas pedras, casas e ruínas o apoio e o reflexo das construções mentais que moldaram a exterioridade física desses grupos.

Para Halbwachs, as pedras podem até se deixar transportar sem oferecer resistência. O que não se desintegra facilmente são as dimensões imateriais, aquelas que passam de uma geração a outra: os costumes, a vivência, o afeto. Por isso, as relações mais difíceis de serem modificadas são as “que se estabeleceram entre as pedras e os homens” (HALBWACHS, 2004, p. 163). Um grupo que vive em determinado lugar que, de

repente, é atingido por uma grande catástrofe natural ou uma guerra que destrói o traçado das ruas, a disposição das casas, das escolas, se vê destituído dos símbolos que ordenavam sua vida ali, que representavam suas marcas inscritas naquele espaço. Considerar as dimensões subjetivas que moldam os espaços permite compreender que, mesmo essas marcas sendo apagadas da dimensão material, não se apagam da memória, não com a rapidez com que um vendaval ou um tanque de guerra destroem toda uma cidade. Mesmo que não exista mais nada no espaço ocupado anteriormente, além de ruínas, a memória se encarrega de recolocar cada coisa de volta em seus antigos lugares. Só assim o indivíduo ou grupo consegue ainda se reconhecer naquele espaço.

É como se, ao ser modificado o traçado de uma rua, a localização de uma casa, os antigos moradores, “de cujo pequeno universo faziam parte [...] velhas paredes”, lembranças que se prendiam a essas imagens “agora apagadas para sempre”, sentissem “que toda uma parte sua morreu com essas coisas e lastimam que não tenham durado pelo menos o tempo que lhe restara de vida” (HALBWACHS, 2004, p. 164). Reivindicar os antigos lugares ocupados por eles é resistir à destruição, pois:

um grupo não se contenta em manifestar que sofre, em se indignar e protestar [...] Ele resiste com toda a força de suas tradições e essa resistência tem suas consequências. Ele procura e em parte consegue reencontrar seu antigo equilíbrio nas novas condições. Ele tenta se manter ou se reformar em um bairro ou uma rua que já não são feitos para ele, mas estão sobre o lugar que era seu (HALBWACHS, 2004, p. 164).

Podemos compreender essa relação em texto publicado em 1965, no livro *Itinerário Sentimental do Ceará-Mirim*, de autoria de Francisco Montenegro, no qual Nilo Pereira dá um exemplo muito claro do esforço que realizava, cada vez que revisitava o lugar, por meio da memória e da escrita, para reencontrar a cidade que deixara ainda na infância:

Eis o Ceará-Mirim que me ficou e que procuro cada vez que o revejo, como quem perdeu alguma coisa e perdeu tudo; como quem tenta voltar sem ter saído; como quem já não encontra as pedras nos seus lugares, que até elas, rudes peregrinas, também se vão [...] E tudo passa e não passa. O espírito recria a vida (MONTENEGRO, 1965, p. 29).

O espírito recriando a vida e a cidade na escrita de Nilo Pereira era, na verdade, a memória, permitindo que os personagens e paisagens do passado tivessem novamente lugar. É comum na literatura memorialista produzida pelos intelectuais nordestinos, nascidos no início do século XX, identificá-los em pleno exercício de reconstrução do

passado, dos espaços que deram sentido à sua existência, como se retirassem, de baixo da poeira espessa de escombros, velhas construções, móveis antigos e até personagens já mortos.

A cidade do Recife, principal símbolo da riqueza da sociedade patriarcal do Nordeste, nos anos 1920, era alvo de reformas urbanas que redesenhavam o traçado das ruas, demoliam velhas igrejas, iam aniquilando, aos poucos, velhos hábitos da população (ARRAIS, 2008). Os intelectuais recifenses, aqueles que se uniam em torno de Gilberto Freyre, filhos de famílias tradicionais da capital pernambucana, olhavam com certo desdém para as mudanças que ocorriam na cidade e dedicavam-se à tarefa de resgatar os velhos espaços e costumes, redesenhando, por meio da escrita, a antiga cidade dentro da cidade nova que sofria as reformas.

Os homens que compunham esse grupo chamavam a atenção para o valor das antigas construções, para os hábitos e instituições que haviam caracterizado aquela sociedade no passado e que ainda se faziam sentir no presente. Na verdade, as relações mantidas com aquele espaço, reavivadas pela memória, eram responsáveis pela identidade do grupo e razão para a tradição reivindicada e que lhe devolvia a “posse” sobre o lugar, mesmo que fosse apenas na memória e no discurso.

Nilo Pereira também engrossa o coro que lamentava a desintegração dos valores da sociedade do açúcar, o que lhe causava duplo sofrimento. Ao chegar ao Recife, suas atenções se voltam para o Ceará-Mirim. As discussões sobre a preservação da tradição fervilhavam na capital pernambucana. Ele, aos poucos, também ia tomando parte nesses debates, dirigindo o olhar, então, para a cidade que havia conhecido na infância, a Ceará-Mirim dos engenhos, do rio intempestivo, das noites iluminadas pela chama do lampião e que de repente se viu fascinada pela chegada da eletricidade⁶. Esse fascínio representou, também, para ele, desencanto.

Na escrita do memorialista, para o menino que assistia ao espetáculo da primeira noite da cidade iluminada pelo advento da luz elétrica, nos idos de 1917, aquele era um momento mágico, carregado de espanto e admiração: “Era preciso que tudo escurecesse, que tudo ficasse negro e espectral, para que a luz ressaltasse na sua espantosa velocidade, na sua claridade quase mortal” (PEREIRA, 1969, p. 78). Para o homem adulto, aquele foi o momento que retirou a cidade de uma realidade harmoniosa,

⁶ Essa descrição da cidade pode ser visualizada em: Pereira (1969).

romântica, em que o engenho, o canavial, a produção de açúcar ditavam o ritmo da cidade: “Os lampiões se apagaram. Mas à sombra deles — uma sombra que ainda cai invisível — permanece o dono da noite, com a sua magia, a sua eterna luz” (PEREIRA, 1969, p. 80). O dono da noite ao qual ele se refere era o antigo acendedor de lampiões da cidade, *Boca de Uruá*, que representava as figuras e profissões que perderam o lugar e a função na sociedade, na virada do século XIX para o XX, figura muito lembrada em seus escritos, desde que começou a escrever sobre Ceará-Mirim.

Enquanto as imagens do passado de Ceará-Mirim ganhavam forma na escrita de Nilo Pereira, o passado de outra cidade, não a da infância, mas aquela que o recebeu no princípio da vida adulta, torna-se, também, objeto de suas lembranças. No final da década de 1960, ele já tinha vivido tempo suficiente na cidade do Recife para formar sua própria imagem do *Recife Antigo*⁷. Começava a assistir à ruína da cidade que havia conhecido no início dos anos 1930. Na verdade, ele, o próprio Nilo, é que havia envelhecido. Ele e os amigos que conquistou por lá. Os amigos de Nilo iam morrendo e junto com eles a cidade que ajudaram a compreender. A cidade e os homens que foram seus guias no trajeto que ele percorreu na capital pernambucana se transformaram em personagens constantes em suas crônicas, nas quais ele evocava o tempo vivido, o passado de sua relação com a cidade⁸.

Em “Um Recife que não volta mais”, crônica escrita em 1985, encontramos um retrato da cidade morta evocada por ele, onde ainda se podia colocar “a cadeira na calçada” (PEREIRA, 1985). O Recife que Nilo Pereira buscava reencontrar, em que ainda se usava chapéu de palhinha e bengala, localizava-se em um tempo que não voltava mais, “um tempo do Recife” (PEREIRA, 1985) que a morte dos amigos com quem tinha dividido a vida naquela cidade levava embora.

Nilo Pereira, que ainda adolescente deixou o Ceará-Mirim, foi a grande voz da sociedade e da economia açucareira que se desenvolveu ali. E passou a enfatizá-la em seus escritos como uma cidade de tradição, fundada sobre as bases rústicas e sólidas dos engenhos, dos canaviais, das casas grandes, igrejinhas e senzalas. Para ele, “Os engenhos encheram o vale de riqueza, de ação, de progresso”, dando origem à “nobreza

⁷ O conceito de *Recife Antigo*, *Recife de Outrora* está associado à exaltação do passado da cidade. Ver: Arrais (2006).

⁸ Nilo Pereira escreveu para os jornais pernambucanos por mais de cinquenta anos. O tema mais recorrente de suas crônicas sobre o Recife era a cidade. Para uma análise mais apurada dessa escrita, ver: Morais (2011, p. 143-165).

da terra” (PEREIRA, 1969, p. 123), “Uma aristocracia de maneiras e de estilo [...] que se irradiava por tôda a Província, fazendo do Ceará-Mirim uma cidade cuja tradição devemos recolher” (PEREIRA, 1969, p. 124).

Nilo Pereira fez da cidade de Recife o seu porto seguro e de lá revia, observava, burilava e reformulava cada imagem que guardou da cidade que o viu nascer. Foram longos sessenta anos de convívio e aprendizado em terras pernambucanas, em terras recifenses. O tempo vivido, escrito e rememorado na capital pernambucana deu à cidade de Ceará-Mirim de Nilo Pereira características muito peculiares. Ele pôs-se a escrever obsessivamente sobre o passado vivido nesse espaço, sobre a infância de menino de engenho que tivera, vivendo próximo a um vale recoberto de plantações de cana-de-açúcar e construções do século XIX – casas grandes, engenhos, senzalas. Iniciou, assim, por meio da memória e da escrita, um processo de ordenamento do mundo disperso da infância.

Nilo Pereira exerceu o ofício de escritor como cronista, memorialista e historiador durante 66 anos. Durante cinco décadas, de 1939 a 1992, podemos mapear a escrita do memorialista por meio das referências ao vale do Ceará-Mirim e à infância vivida lá. Por mais de 50 anos, ele praticou o exercício de reconstituir o passado e apresentar aos recifenses a cidade de Ceará-Mirim, levando, a cada viagem de retorno ao lugar, um dos amigos recifenses, que, logo depois, assim como ele, transformaria aquela viagem em memória. Assim, ele transforma a cidade de economia decadente e abandonada pelos herdeiros da sociedade dos engenhos em objeto de rememoração e escrituração, o que permitiu que ele fosse se apropriando dos espaços, conceitos, valores e imagens desejadas.

Nilo, o Ceará-Mirim e o vale foram forjados na escrita, na escrita de si, na escrita do outro, o que chamamos de processo de apropriação pela escrita, no qual esses elementos sofriam dupla transformação. Primeiro, desmaterializavam-se em dimensões afetivas e intelectuais: conceitos, sentimentos, sensações, para depois voltarem a ser matéria. Ou seja, para que algo se torne objeto da escrita é preciso decompô-lo em conceitos e valores que caracterizam o esforço intelectual de compreensão e reconhecimento de determinada realidade. Após esse primeiro momento de apropriação da escrita sobre o objeto, ele se (re) materializa, saindo do estágio de linguagem escrita, transformando-se em imagem e refletindo-se na realidade exterior à escrita e ao

pensamento.

A casa é a imagem principal formulada na escrita memorialística de Nilo Pereira sobre o Ceará-Mirim. Ao entrar na cidade, é a imagem da casa-grande do Guaporé, engenho que pertenceu à sua família, que ele primeiro procura, seguindo em direção ao vale:

Saúdo a cidade parada, que é um sonho de grandeza vivida; e pergunto por que, havendo a riqueza tão ao alcance das mãos, tão perto uma velha cidade se mantém estacionária e quase morta. Não procuro explicar o fato [...] O que tenho diante de mim é o cenário mágico [...] por isso, fixo os meus olhos na casa-grande do engenho Guaporé (PEREIRA, 1969, p. 143-144).

A imagem da grandeza desfeita, mas impregnada nas paredes em ruínas do Guaporé, redime a decadência da cidade. É do terraço do Guaporé que ele avista toda a cidade. É por meio das histórias vivenciadas naquela casa familiar esquecida à beira da estrada que ele nos apresenta personagens e paisagens da cidade. São as impressões deixadas por uma visita ao Guaporé que fazem com que Nilo publique o seu primeiro texto memorialístico sobre a cidade, no ano de 1939, intitulado, sugestivamente, de “O Guaporé”. Existem, ainda, a casa de São José, a casa da Rua Grande, a casa do Verde Nasce, mas a lembrança desses lugares representa unicamente as perdas, a decadência familiar e da cidade. Nilo e sua família são obrigados a fazer esse itinerário dentro da cidade depois de terem perdido a posse do engenho. O Guaporé, não – esse é também a lembrança do fausto, do fastígio, da riqueza. A casa havia guardado a família e a única riqueza que lhe sobrara: a memória dessa riqueza que se converte em tradição na escrita de Nilo Pereira:

Dos pontos mais elevados da cidade, descendo as encostas suaves e refazendo velhos caminhos, vê-se o velho solar, e para quem lhe conhece a história e sentiu a emoção dos seus fastos políticos e sociais, há uma impressão estranha: as figuras do seu passado ainda estão vivas, ainda conversam nas amplas salas decoradas, ainda prescram da soleira da porta heráldica (PEREIRA, 1969, p. 40).

Esses sentimentos são despertados por meio de determinadas situações. No caso de Nilo, a distância, a velhice. Sentimentos estes que vão se materializar por meio da linguagem escrita, que reelabora o objeto apropriado, a cidade de Ceará-Mirim. Um dos resultados desse processo, e maior objetivo do grande empreendimento intelectual de Nilo, é que em Recife, por causa das crônicas de Nilo sobre Ceará-Mirim, ficou conhecida como a cidade de Nilo Pereira. *O Ceará-Mirim de Nilo Pereira* passou a ser, também, o Ceará-Mirim dos recifenses. Todos se apropriaram do vale e de suas histórias contadas

pela pena de Nilo.

4 A CIDADE NA ESCRITA

A linguagem é via por onde ocorrem todas as trocas entre o imaginado e o sensível, entre o interior e o exterior. A linguagem escrita é uma das vias de materialização do imaginário e decodificação do mundo sensível. O exercício da escrita estabelece pontes entre tempos, espacialidades e realidades diferentes. Equaliza em uma única dimensão, a do papel, diversos mundos e temporalidades. Tomamos como exemplo para demonstrar essa dinâmica da escrita e da memória de Nilo Pereira um trecho de um texto publicado por ele em dois momentos e veículos diferentes. O assunto é, como não poderia deixar de ser, a cidade de Ceará-Mirim e suas impressões sobre ela depois de uma de suas inúmeras viagens de retorno, a primeira delas no ano de 1939, ponto pelo qual começaremos nossa análise.

Em novembro de 1939, Nilo Pereira, estabelecido no Recife desde 1931, de passagem pelo Rio Grande do Norte, publicou, no jornal *A Republica*, do dia 08 daquele mês, um artigo no qual encontramos uma descrição do vale e da cidade do Ceará-Mirim. O artigo publicado no jornal inicia com as seguintes declarações:

Há poucos dias tive a emoção de rever o Ceará-Mirim. A companhia agradável de Aldo Fernandes me levou a visitar tudo quanto deixei, há dez anos, naquela terra que é uma das mais aristocráticas do Estado e onde vivi toda a minha meninice. Vi a cidade com a sua igreja, que é um grande marco da espiritualidade da terra; com o seu cemitério, em cujas lápides se inscrevem nomes ilustres na política e na economia do Rio Grande do Norte, com as suas ruas largas e claras como as de um burgo medieval, com o seu casario, onde não há o estilo barroco como em Mariana, Ouro Preto e Olinda, mas onde o perfil semi-colonial recorda a fisionomia das cidades velhas, cheias de tradições. Mas, sobretudo, vi o vale do Ceará-Mirim, de um verde tranquilo e vasto, onde aqui e ali se levantam os velhos engenhos da cana de açúcar, de perfil austero e senhorial (PEREIRA, 1939, p. 1).

Nilo Pereira narra, no artigo publicado no jornal, o reencontro com o Ceará-Mirim, depois de ter se mudado, definitivamente, para o Recife. Ao narrar o passeio que realizou na companhia de Aldo Fernandes, Secretário do Governo, em uma tarde de novembro de 1939, pelas ruas da cidade, o cearamirinense reverencia o vale como um lugar de vasta tranquilidade que guardava o verde dos canaviais, abrigo dos engenhos e da tradição, ainda distante de representar a dor da saudade da infância perdida, da perda da “meninice” do homem e da cidade. Os dezessete anos que distanciavam o intelectual do lugar onde viveu os primeiros anos de sua vida não eram, ainda, suficientes para abrir a ferida com que a saudade dos tempos idos costuma marcar aqueles que já viveram o

bastante para se voltarem para o passado com a esperança de revivê-lo, com a necessidade de recuperar, através das lembranças, o vigor e os horizontes da juventude.

No livro *Imagens do Ceará-Mirim*, a viagem de 1939, entendida aqui como um marco na escrita memorialística do autor, é, novamente, narrada sob a forma de reminiscência. Ao ler a passagem que está no artigo *O Guaporé*, transplantada para o livro de 1969, temos a impressão de que o autor está narrando as impressões deixadas por aquela viagem, que foram se formando em seu espírito ao longo dos trinta anos que separavam o momento da viagem da escritura das memórias. Mas, o que temos são impressões de viagem transformadas em memória. Trazemos, então, novamente, a citação já apresentada para tentarmos entender se o jovem cronista de 1939 se repete, inteiramente, no homem maduro que nos induz a pensar que, aos 60 anos, tinha chegado para ele o momento de reviver o passado:

Revi a cidade com a sua Igreja, que é um grande marco da espiritualidade da terra; com o seu cemitério, em cujas lápides se inscrevem nomes ilustres na política e na economia do Rio Grande do Norte; com as suas ruas largas como as de um burgo medieval; com o seu casario, onde não há um estilo próprio como em Mariana, Ouro Preto, Olinda, mas onde o perfil semi-colonial recorda a fisionomia das velhas cidades, cheias de tradições, onde tudo fala — as pedras, as árvores, os pássaros. Mas, sobretudo vi o vale do Ceará-Mirim, dum verde tranquilo e lícido, onde aqui e ali se levantam os velhos engenhos da cana do açúcar com o seu perfil senhorial (PEREIRA, 1969, p. 39).

Ele, realmente, estava relembando, evocando um passado sob o signo da ausência. Mas, a lembrança era já antiga, reminiscência de reminiscência. O homem que reescreve e rerepresenta o texto sobre a casa-grande do engenho Guaporé e a cidade do Ceará-Mirim não é apenas um, mas vários que habitavam dentro dele: o menino nascido no vale, no casarão de engenho; o jovem de 30 anos que revê a cidade em que nasceu após uma década de sua mudança definitiva para outro estado; e o intelectual de 58 anos que resolve passar a vida a limpo contando suas memórias. Podemos enxergar a cidade do Ceará-Mirim e o próprio Nilo Pereira em três momentos da sua história, por meio da leitura de *Imagens do Ceará-Mirim* e dos textos que compõem o livro, todos frutos dos reencontros de Nilo com a cidade.

Vemos o homem e a cidade em suas várias temporalidades: as perdas sofridas pela família, a perda traumática do engenho Verde Nasce, a retirada humilhante para a casa simples da cidade — esta, a cidade da infância, nas primeiras duas décadas do século XX. Essas são as razões por trás do discurso do filho que voltava depois de um longo período de abandono. Diferente da versão bíblica, na fábula de Nilo e do Ceará-

Mirim, a cidade é que se tornou empobrecida.

O tempo narrado por Nilo é, também, o tempo em que chegavam “o cinema mudo onde as valsas nem sempre tinham o que ver com o filme; [...] os primeiros automóveis e caminhões” (PEREIRA, 1969, p. 12-13), a máquina de escrever e, antes de tudo isso, o milagre da luz elétrica. A cidade estava dividida entre as dádivas do progresso e a ruína dos engenhos, que pareciam andar lado a lado⁹. Ceará-Mirim já figurava nos jornais locais como um “cemitério de tradições”. Nilo, agora, nos apresenta uma cidade “onde tudo fala”: fala da tradição, fala daquilo que jaz no cemitério, fala da morte que se estendeu sobre toda a cidade. Vemos surgir a tensão entre a vida e a morte conduzindo a narrativa do intelectual e determinando os destinos da cidade em sua escrita/memória.

Conseguimos ver, também, a Ceará-Mirim do século XIX, quando do vale despontavam “nomes ilustres na política e na economia do Rio Grande do Norte”, nomes de cearamirinsenses – terra que deu ao estado bacharéis em direito, médicos, presidentes de província, senhores de engenho, um barão do açúcar. Logo em seguida, vemos a cidade já decaída das riquezas dos tempos em que dezenas de engenhos esparziam sua fumaça pelo vale, onde ressoavam ainda os nomes ilustres, mas que só podiam ser vistos no “cemitério, em cujas lápides se inscrevem”. A necrópole se estende por toda a cidade. Essa era a Ceará-Mirim de 1939. Nos dois momentos assinalados, o que se esconde nas entrelinhas do texto é o momento de transição do engenho para a usina, do fastígio para a ruína.

Toda a complexidade por trás do processo de escrituração impõe uma reflexão no sentido de compreender o alcance dessa dimensão na produção histórica, já que a história é, antes de tudo, narrativa. A principal relação que devemos estabelecer entre história e linguagem escrita é que história é uma (re) significação do passado e que o trabalho do historiador é estabelecer esse diálogo entre os sentidos do passado e o sentido que se quer dar a um evento no presente, pois não se escreve história para o passado e sim para o presente (ALBUQUERQUE, 2007). A história, assim como a escrita, se inscreve naquilo que escreve, materializa-se naquilo que subjetiva. A relação entre história e linguagem escrita chama a atenção para outra dimensão da história, a memória. A memória e a escrita são fundamentais nos embates intelectuais que deram origem ao homem e à obra de Nilo Pereira.

⁹ Para compreender a relação conflituosa entre tradição e modernidade em Nilo Pereira, ver: Morais (2009, p. 59-108).

O Ceará-Mirim de Nilo Pereira se constrói por meio de lembranças. É por meio do processo de elaboração da memória e da escrita que a cidade emerge de sua obra. A imagem que ele construiu ao longo da vida em sua escrita é a de uma cidade híbrida, que guarda duas cidades. Por isso, falar do Ceará-Mirim presente nas páginas de memória de Nilo é falar também do Recife, onde ele viveu por mais de sessenta anos.

Ao longo de sua permanência no Recife, ele foi reaprendendo a compreender e reinterpretar o vale do Ceará-Mirim. O ideário regionalista ofereceu as categorias conceituais e o estilo para que ele pudesse expor o quadro histórico, econômico e cultural da cidade, modificando a sua própria relação com o lugar e também com a cidade que o recebia. Estar na capital pernambucana permitiu a ele enxergar as peculiaridades da cidade onde nasceu, estabelecendo semelhanças entre esses dois lugares. Assim, justificava-se também a identidade recifense assumida por ele, o que não o tornava menos cearamirinense, já que havia encontrado na cidade estrangeira as raízes da sociedade que ele viu se desenvolver em Ceará-Mirim, como se uma cidade ajudasse a perceber a outra.

Em “Louvação do Recife”, poema publicado no *Jornal do Commercio*, no ano de 1977, percebe-se claramente esse processo de prolongamento entre Ceará-Mirim e Recife. Ele inicia o poema descrevendo o Recife colonial, das lutas heroicas contra “Os holandeses”; de “Nabuco falando, Castro Alves recitando/Tobias celebrando”, passando por todos os personagens tradicionais da história pernambucana, como D. Vital, José Mariano, a Faculdade de Direito, Dona Olegarina, mostrando as várias facetas daquela cidade: “Recife, muitos Recifes/Senão o Recife de hoje, de sempre/O Recife antigo”. Quando vai concluindo a primeira parte, introduz um novo personagem na narrativa: “O peregrino audaz, o exilado/Que se deixou exilar por vontade” (PEREIRA, 1977, p. 1).

Daí em diante, Nilo passa a integrar-se à cidade do Recife que, aos poucos, vai ganhando outra conotação, e surge mais um dos muitos Recifes gestados na sensibilidade de cada um que vivenciou aquela cidade. Esse é um momento de transição no poema, um momento de transição na vida do próprio Nilo, quando ele redescobre suas origens e louva aquela que permitiu esse reencontro: “Louvo esta cidade”. E confessa que o seu Recife, o que está no poema, o que está em toda a sua obra, conjuga duas cidades, “prolonga outra cidade, outro vale”.

Nesse momento, o Recife transfigura-se em outro lugar, aquele que o estrangeiro

buscou enxergar em cada imagem da nova cidade que o acolheu, onde ele encontra “Outros heróis, outros silêncios/Outras contemplações, outros gênios/Outras vibrações/Outras saudades”. Assim, a cidade de Recife passa a se transfigurar em outra cidade, o Ceará-Mirim. Na verdade, nenhuma delas consegue ser inteiramente uma na escrita de Nilo Pereira. Há um lugar intermediário em que essa cidade híbrida que é Ceará-Mirim/Recife está situada, lugar ao qual o exilado devoto de dois mundos se recolhe para evocar o passado, o paraíso da infância, e permite perceber que esse lugar é “um mundo só” (PEREIRA, 1977, p. 1).

A escrita permite a elaboração dessas imagens, agindo como um método autoformativo que acompanha o “desenvolvimento e a mudança da própria identidade” (OLMI, 2006, p. 14-15), já que ela tem a capacidade de ordenar os elementos que compõem uma certa realidade. Na escrita do memorialista, Ceará-Mirim e Nilo Pereira se constroem em um processo mimético, onde um se confunde com o outro, ou um se funde no outro. Na escrita memorialística aqui estudada, conjuga-se a todo o momento a materialidade e a subjetividade. As pedras, as pessoas e os espaços são transformados em memória, em lembranças, em escrita, que também é uma forma de materializar o subjetivo. A cidade que vai tomando forma a cada nova lembrança, logo se esvai como uma imagem de uma cidade morta que se sustenta na memória e nos sentimentos. Se a memória falha, a imagem também se apaga. Se o sentimento que lhe dava sentido enfraquece, ela também vai perdendo força. A escrita oferece uma condição menos fugidia a essa imagem, apreende e imobiliza esses momentos de elaboração. No entanto, a escrita também é móvel, muda de lugar, muda de feitio, muda de ideia. A escrita, assim como o homem, é produto de inúmeras variáveis.

Cada vez que o ser humano escreve, e, especialmente, quando escreve memórias, ele reflete o mundo em sua volta: “escrevendo sua história ele acaba fornecendo um testemunho aos outros” (OLMI, 2006, p. 14-15). Desse modo, a escrita de conotações memorialísticas e autobiográficas interessa ao “historiador, ao sociólogo, ao antropólogo [...] que, estudando as escrituras privadas e analisando-as podem reconstituir contextos culturais, eventos, atitudes humanas, modos de sentir, interpretar e descrever a experiência vital” (OLMI, 2006, p. 14-15). Podem reconstituir cidades que se perderam no tempo, como a Ceará-Mirim e o Recife de Nilo Pereira.

A escrita e a memória vão sendo elaboradas e reelaboradas ao longo de cada fase

da vida. A escrita memorialística e autobiográfica dá forma a Ceará-Mirim de Nilo Pereira, sintetizada em *Imagens do Ceará-Mirim*. É o típico modelo disseminado entre os regionalistas na primeira metade do século XX: memórias elaboradas com uma conotação romanesca e também histórica. Os livros produzidos por esses autores eram o romance de suas vidas, mas também uma versão sobre a formação histórica e sociológica do recorte espacial e social que essa escrita evidenciava.

Nos livros sobre memórias vividas em engenhos ou em cidades de tradição açucareira, como é o caso do livro de Nilo, os autores, relatando acontecimentos de suas vidas e daqueles que fizeram parte dela, abrem uma janela, tanto no âmbito privado das casas grandes dos engenhos, como no público das igrejas, das ruas, para as relações que se estabeleciam naqueles ambientes, naquela sociedade, fossem elas de cunho econômico, cultural ou social.

Essa escrita híbrida é historicamente construída, assim como a relação principal estabelecida por Nilo: a ligação entre Ceará-Mirim e Recife, resultando na inserção de Ceará-Mirim no Nordeste do açúcar. As cidades que aparecem na escrita de Nilo são cidades humanizadas, subjetivadas, materializadas com base, principalmente, em sentimentos. Aqui, a cidade é o homem. É Nilo em busca da cidade da infância, são os amigos recifenses que viveram e morreram em sua escrita para dar forma ao Recife e também ao Ceará-Mirim de Nilo Pereira. Por meio dessa busca, compreendemos o poder da memória e da palavra, que se transfigura em poder da história, à medida que permite escrever e reescrever a vida, reescrever e inscrever cidades.

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. São Paulo: Edusc, 2007.

ARRAIS, Raimundo. **A capital da saudade**: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo. Recife: Bagaço, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. 4. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – MEC, 1967.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guilherme. **Gilberto Freyre, uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro – 1900-1936**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MONTENEGRO, Francisco. **Itinerário sentimental do Ceará-Mirim**. Recife: Coleção Concórdia, 1965.

MORAIS, Helicarla. **Três rios dentro de um homem: Nilo Pereira em Imagens do Ceará-Mirim, 1920-1960**. Natal: EDUFRN, 2009.

_____. **Viagem-memória de Nilo Pereira: do Ceará-Mirim ao Recife e do Recife ao Ceará-Mirim**. Natal: EDUFRN, 2011.

OLMI, Alba. **Memória e memorialismo: dimensões e perspectivas da literatura memorialista**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

PEREIRA, Nilo. O Guaporé. **A Republica**, 8 nov. 1939.

_____. Manhã da criação. **A Republica**, 25 set. 1949.

_____. **Evocação do Ceará-Mirim**. Recife: Imprensa Oficial, 1959.

_____. Louvação do Recife. **Jornal do Commercio**, Recife, fev. 1977.

_____. O Verde Nasce. **A República**, Natal, jan. 1980.

_____. Um Recife que não volta mais. **Jornal do Commercio**, Recife, fev. 1985.

_____. Notas Avulsas. Um candeeiro. **Jornal do Commercio**, Recife, ago. 1985.

_____. Exilado. Avulsas. **Jornal do Commercio**, Recife, mar. 1985.

_____. **Imagens do Ceará-Mirim**. 3. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SALES NETO, Francisco Firmino. **Palavras que silenciam: Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionalista nordestino**. João Pessoa: Editora Universitária, 2008.

City and memory: Ceará-Mirim on writing of Nilo Pereira

Abstract: This text is the result of the master's program research titled *Travel-memory Nilo Pereira: Ceará-Mirim to Recife-Recife to Ceará-Mirim*, developed in the Graduate Program in History at UFRN, in 2008-2010, directed by Professor Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais, published in 2011 by the Theses and dissertations Collection of CCHLA. We explore here the case of the writer and memoirist Nilo Pereira, born in Ceará-Mirim, traditional sugar area of Rio Grande do Norte. With most of his life spent outside of Ceará-Mirim and out of Rio Grande do Norte, Nilo Pereira remained in the valley with an emotional loyalty that lasted until the end of his life. This text aims to present a possibility of approaching the theme of the city represented by memory, by means of written memories of this important figure from Rio Grande do Norte.

Keywords: City; memory; history.